

MOVIMENTO PAROQUIAL — A UNIDADE NA PARÓQUIA

Jorge Peixoto



O contributo específico do Movimento dos Focolares em muitas paróquias do País.

A 30 de dezembro de 1988, por ocasião da Festa da Sagrada Família, São João Paulo II tornava pública a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici*, na qual apontava caminhos para a realização da vocação e da missão dos leigos na Igreja e no Mundo. Nela afirmava: «Na sociedade da mobilidade e do digital, não se pode negar que, em muitas partes do mundo, a centralidade da paróquia esteja

a diminuir. Contudo, nos últimos anos cresceu a consciência do seu valor, "a própria Igreja que vive no meio das casas de seus filhos e de suas filhas"». Sim, porque «não é principalmente uma estrutura, um território, uma construção; mais do que isso, é a "família de Deus"» (*Christifideles Laici*, 26).

GÉNESE

De facto, esta preocupação manifestada por São João Paulo

II era já vivida, nos anos sessenta, por muitos, nomeadamente párocos que tinham tido contactos com o Movimento dos Focolares e que sentiam quantos frutos maravilhosos poderiam ser colhidos através da vivência da espiritualidade da unidade nas suas paróquias.

Paulo VI, a 13 de julho de 1966, em audiência concedida a um grupo de sacerdotes, encorajava-os «a levar o espírito da unidade às suas Igrejas locais». É então que Chiara Lubich, como resposta a tal desafio e desejo lançado por esse Papa, funda o Movimento Paroquial. E, assim, os membros dos Focolares inseridos na paróquia são convidados a animá-la, juntamente com as outras realidades presentes, integrando-se «com ardor na pastoral orgânica da Igreja particular», fazendo com que nela se viva o carisma da unidade.

Os primeiros tempos foram caracterizados por um entusiasmo enorme, vivido um pouco por todo o lado, fruto da forte aceitação da espiritualidade da unidade, que Chiara Lubich havia começado a propor ao mundo a partir de 1943, em Trento, Itália.



EM PORTUGAL

Fruto desse incremento, o Movimento Paroquial dava também nessa altura os primeiros passos. Tudo começou em locais onde, pelo menos duas ou três pessoas, queriam construir algo de novo, em harmonia com o seu pároco – a unidade. Surgiram assim comunidades que ajudaram a rejuvenescer a vida na paróquia, não pelas bonitas palavras que poderão ter proferido, mas sobretudo pelo testemunho de vida de párocos e paroquianos, os quais procuravam viver o Evangelho, com Jesus no meio, para que Ele fosse luz para aquela Igreja local.

Surgem assim inúmeras paróquias ou comunidades novas que, ao longo de cinquenta anos, se vão renovando e vivificando com o carisma da unidade. Se as assinalássemos num mapa de Portugal, veríamos imensos pontos iluminados por esse carisma. A arquidiocese de Braga foi um grande pólo difusor da espiritualidade da unidade vivida na paróquia, primeiro na Basilica dos Congregados, com D. Jorge Ortiga, na altura Reitor. Depois, esta experiência alastrou-se a outras paróquias como "cogumelos em tempos de humidade", vivências que se reproduziram nas dioceses de Viana do Castelo, Vila Real, Viseu, Porto, Lamego, Coimbra,

Guarda, Leiria; continuou para sul com Santarém, Portalegre-Castelo Branco e Évora; em Lisboa também germinou em redor da Cidadela Arco-Íris, na Abrigada (Alenquer).

FRUTOS

Muitos viveram, ao longo destes cinquenta anos, belíssimas experiências que é impossível detalhar aqui, mas foram sempre experiências para a construção da unidade na paróquia: colaborando na ajuda aos mais necessitados, participando em visitas a instituições, animando a Eucaristia com os cânticos do *Gen Rosso* e do *Gen Verde*, atenuando rivalidades dentro da paróquia ou entre paróquias vizinhas, participando em ações de construção de infraestruturas, implementando na catequese o uso do Dado do Amor... Como consequência de toda esta vida e testemunho, muitos, há algum tempo afastados, voltaram à vida da Igreja.

Um aspeto muito importante, ao longo destes anos, foi o da formação, realizada localmente (desde o primeiro encontro no colégio de São Teotónio, em Coimbra, em 1975), em encontros nacionais e em congressos e escolas internacionais. A salientar ainda o congresso "A Catequese à Luz do Carisma", uma enorme luz para todos

aqueles que nele participaram, muitos catequistas e membros do Movimento.

Também se procurou dar a conhecer esta vida a muitos outros, «semear a Espiritualidade no terreno da Igreja local», realizando diversas Jornadas, nas quais participaram muitas pessoas.

ESPERANÇA

A vida brota por todo o lado, fruto de um contínuo caminhar com Jesus no meio, onde dois ou mais se reúnem em Seu nome. Todos têm o desejo de fazer parte daquela constelação de estrelas de que um dia nos falou Chiara Lubich. Algumas destas estrelas já partiram para a Mariápolis Celeste, depois de terem dado a sua vida pelo Movimento Paroquial. São os casos, entre outros, do P. Cândido Pedrosa, do P. Sebastião, do P. Bento e de muitos outros membros. São os intercessores e protetores deste ramo do Movimento dos Foclares no Paraíso.

Entretanto, tenhamos presente que um dia também faremos parte dessa constelação mas, até lá, tal como disse um dia Chiara Lubich a uma das suas primeiras companheiras, Silvana Veronesi, «façamos de tudo para sermos parte dessa constelação, onde cada estrela é mais bonita porque está em sintonia com as outras». ●